

# ***Urban exploration: uma análise estética e literária do subterrâneo***<sup>1</sup>

## ***Urban exploration: an aesthetic and literary analysis of underground***

## ***Urban exploration: un análisis estético y literario del subterráneo***

**Rafael Fontes Gaspar**<sup>2</sup>

Recebido em: 12/3/2016

Aceito para publicação em: 20/3/2017

**Resumo:** Este artigo analisa um movimento contemporâneo que realiza expedições urbanas. Considerada um *hobby*, tais expedições designam uma prática contemporânea denominada *urban exploration*, atividade que envolve percursos através de lugares

<sup>1</sup> O artigo é parte do resultado da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “*Urban exploration, cidade e o encanto do abandono*”, realizada em Artes Visuais na linha de pesquisa de Teoria e História da Arte, no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

<sup>2</sup> Doutorando (linha de pesquisa Teoria e História da Arte – 2016-2021) e mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc), especialista em Filosofia Moderna: Aspectos Éticos e Políticos e graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

abandonados, de subterrâneos, até os pontos mais altos da cidade. A prática revela um modo de ressignificação do indivíduo em sua relação com a cidade, no intuito de observá-la e registrá-la por diversos ângulos. Infiltrar-se nas entranhas da cidade, nos lugares esquecidos, permite pensar sobre uma nova possibilidade de o sujeito recriar sua relação afetiva e subjetiva com a cidade moderna. Aliás, a grande contribuição do *urban exploration* deve-se ao registro fotográfico, que mostra a beleza dos lugares esquecidos da cidade, levantando questões sobre a preservação e o patrimônio. Precisamente neste artigo vão ser analisadas expedições do *urban exploration* pelo subterrâneo de metrópoles como Paris, Nova York e Londres, por meio de uma aproximação artística e literária com o registro das fotografias dos exploradores urbanos.

**Palavras-chave:** *urban exploration*; ruínas; subterrâneo; cidade.

**Abstract:** The article analyzes a contemporary movement that performs urban expeditions. Considered as a hobby, these expeditions designate a contemporary practice that is called *urban exploration*, activity that involves pathways through abandoned places, the underground to highest points of the city. The practice shows a way of ressignification of individual in relation to the city in order to observe and record the same from different angles. Infiltrating the innards of the city, in forgotten places, allows us to think about a new possibility for the subject to recreate his affective and subjective relationship with the modern city. In fact, the great contribution of the urban exploration is due to the photographic record that shows the beauty of the forgotten places of the city, raising questions about the preservation and the patrimony. Precisely, in this article, the explorations of urban exploration by underground cities such as Paris, New York and London will be analyzed through an artistic and literary approach with the registration of the photographs of the urban explorers.

**Keywords:** urban exploration; ruins; underground; city.

**Resumen:** El artículo analiza un movimiento contemporáneo que lleva a cabo expediciones urbanas. Considerado como un pasatiempo, estas expediciones designan una práctica contemporánea llamada exploración urbana, una actividad que implica vías a través de los lugares abandonados, bajo tierra, hasta los puntos más altos de la ciudad. La práctica revela la reformulación de lo que el individuo en su relación con la ciudad con el fin de observar y grabar desde diferentes ángulos. Infiltrarse en las entrañas de la ciudad, en lugares olvidados, permite pensar en una nueva posibilidad de recrear el tema de su relación emocional y subjetiva con la ciudad moderna. De hecho, la gran aportación de exploración urbana se debe al registro fotográfico que muestra la belleza de los lugares olvidados de la ciudad, que plantea dudas sobre la preservación y el patrimonio. Precisamente en este artículo se analizarán las expediciones de exploración urbana en subterrâneo de ciudades como París, Nueva York y Londres a través de un enfoque artístico y literario al registro de fotografías de los exploradores urbanos.

**Palabras-clave:** *urban exploration*; ruinas; subterrâneo; ciudad.

O *urban exploration*, grosso modo, constitui a prática de expedições individuais ou coletivas que tem como objetivo percorrer os diversos cantos da cidade, entrar em lugares abandonados, proibidos, percorrer os esgotos da cidade ou escalar os edifícios mais altos. A história do movimento contemporâneo surgiu com um grupo denominado *Suicide Club*

(1977), em São Francisco, na Califórnia. O *Suicide Club San Francisco*<sup>3</sup> foi formado por três amigos, Adrienne Burk, David Warren e Nancy Prussia. O grupo performático organizava encontros e eventos em lugares incomuns, como jantares e escaladas na ponte Golden Gate. Realizava também diversas intervenções, sendo um dos primeiros grupos a fazer expedições urbanas. Sua intervenção artística abarcava desde o teatro de rua a jogos em locais estranhos, como cemitérios e esgotos, além de expedições em lugares abandonados como hospitais, túneis e pontes.

Essa prática é considerada um *hobby*, mas, uma vez analisada, demonstra aspectos estéticos, políticos e sociais, na medida em que apresenta um novo modo de relação e expressão do sujeito com a cidade contemporânea.

Não há uma definição única para expressar o fundamento do *urban exploration*; o motivo é a prática em si, de infiltrar-se e explorar a cidade por diversos ângulos, de modo que o prazer da aventura é o motivo da prática. Existe um vocabulário próprio para indicar os diferentes modos do *urban exploration*, como, por exemplo, *cataphiles*, termo que se refere aos que exploram esgotos e catacumbas, e *rooftoppers* e *skywalkers*, que arriscam suas vidas no topo de prédios, pontes e superfícies para conseguir uma visão panorâmica da cidade. A prática do *urban exploration* gerou uma produção de textos, livros e fotografias que abordam temas como teoria da arte, da história, da literatura etc. Existem catálogos de fotografias publicadas, como *The ruins of Detroit* (2005-2012) e *Gunkanjima* (2008-2012), de Yves Marchand e Romain Meffre. Ocorrem também exposições fotográficas sobre o *urban exploration*, tais como as exposições de Gina Soden, da série *Retrogression*, na galeria The Other Art Fair, em Londres (2015).

Nessa perspectiva, ao analisar as expedições em drenos, túneis e esgotos, percebe-se que existem outros modos de exploração que percorrem as profundezas da cidade, e, embora as catacumbas de Paris tenham se tornado um grande atrativo turístico para o subterrâneo da metrópole, por outro lado há também uma subcultura que frequenta as catacumbas parisienses desde a Antiguidade. As expedições subterrâneas na contemporaneidade surgem por meio de práticas de exploração nos centros urbanos nomeadas de *cataphiles*, *drainers* e *sewers*, termos que se referem, respectivamente, aos exploradores de catacumbas, drenos e esgotos.

O segundo grupo a explorar o subterrâneo surgiu em Melbourne, na Austrália, o *Cave Clan*, fundado em 1986 por três adolescentes da cidade. O *site* do grupo<sup>4</sup> apresenta um mapa da Austrália com a localização desses drenos, sistemas subterrâneos que canalizam e drenam a água da chuva. Percebe-se que para cada dreno no subsolo, de cada cidade australiana, há uma história e uma característica diferente. Por exemplo, Melbourne, conhecida por seus parques e praias, de arquitetura moderna, significa para os *explorers* uma cidade famosa pelo sistema subterrâneo de drenos, que direcionam ou contêm o fluxo das correntes naturais, tornando os túneis repleto de cachoeiras, escadas e corredores. Ao contrário dos espeleólogos, que investigam somente as cavidades naturais, o grupo não se limita à exploração de cavernas, visto que a prática se estende por diversos tipos de cavidades subterrâneas.

O explorador urbano e pesquisador Bradley L. Garrett (2013), no livro *Explore everything: place-hacking the city*, revela fotografias e histórias sobre as catacumbas de Paris, além de publicar um catálogo sobre o subterrâneo de Londres, intitulado *Subterranean London: cracking the capital* (GARRETT, 2014), que será analisado neste artigo após o estudo sobre as catacumbas parisienses. A visita às catacumbas de Paris contada pela experiência de Garrett em reviver o fantasma de Félix Nadar, com a participação do grupo de exploradores urbanos *London Consolidation Crew* (LCC), baseado na capital inglesa, narra uma expedição

<sup>3</sup> O nome do grupo foi baseado em três histórias de Robert Louis Stevenson, que narram o encontro de homens que jogavam cartas para decidir quem iria morrer, e a cada noite um deles era selecionado aleatoriamente para a morte. No entanto o grupo não tinha a intenção de levar essa história a sério, pois eram comuns a sátira e o comportamento transgressivo. Seus integrantes influenciaram diversos empreendimentos artísticos e culturais, como o festival The Burning Man Festival, realizado no deserto.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://caveclan.org/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

que vivencia o espírito antigo das expedições fotográficas de uma grande personalidade de Paris, que inovou tanto as técnicas quanto contribuiu para o valor histórico de suas fotografias sobre a cidade. A fotografia de Nadar, observada na figura 1, representa o início das fotografias em catacumbas, sendo considerada uma das primeiras expedições registradas no subterrâneo. Além disso, as expedições de Nadar apresentam-se como um recipiente de memória no presente para aqueles que procuram reviver as antigas investidas do fotógrafo no subterrâneo parisiense. Nadar conseguiu a permissão para fotografar o sistema subterrâneo, percorreu esgotos e catacumbas da cidade, transportou luzes e equipamentos elétricos para as catacumbas. Suas fotografias obtiveram sucesso em várias exposições, no entanto o deslocamento de equipamentos para as catacumbas custou caro.

Garrett narra a experiência que teve com seus amigos pelos subterrâneos em uma expedição que procurava rememorar o fantasma de Nadar, considerado o fotógrafo mais excêntrico da capital parisiense no século XIX, preocupado em registrar as transformações da cidade.

Winch, Peter, Marc e eu queríamos nos aprofundar pelo sistema de esgoto de Paris, perseguindo o fantasma do excêntrico parisiense Félix Nadar. Ele era um fotógrafo que, no momento em que estava trabalhando, procurou fazer um registro fotográfico do que muitos viam como maior realização da modernidade: a mecanização do metabolismo urbano na forma dos esgotos de Paris. Ele era fascinado por essas mudanças, assim como todas as coisas subterrâneas, e passou grande parte do tempo fotografando as catacumbas e os esgotos de Paris, levando muitos exploradores urbanos a pensar Nadar, junto com seu contemporâneo John Hollingshead, em Londres, como os primeiros *drainers* (GARRETT, 2013, p. 130, tradução nossa)<sup>5</sup>.

**Figura 1** – *Catacombs*. Fotografia de Nadar (Paris, 1861)



Fonte: Museum of Modern Art (MoMA), Nova York. Gift of Paul F. Walter<sup>6</sup>

<sup>5</sup> “Winch, Peter, Marc and I wanted to delve deeper into the Paris sewer system, chasing the ghost of the Parisian eccentric Félix Nadar. Nadar was a photographer who, at the time he was working, sought to make a photographic record of what many saw as modernity’s finest achievement: the mechanisation of the urban metabolism in the form of the Paris sewers. He was fascinated by these changes, as well as all things subterranean, and spent a great deal of time photographing the Paris catacombs and sewers, leading many urban explorers to think of Nadar, along with his contemporary John Hollingshead in London, as the first ‘drainers’” (GARRETT, 2013, p. 130).

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.moma.org/collection/object.php?object\\_id=46061](http://www.moma.org/collection/object.php?object_id=46061)>. Acesso em: 22 jun. 2015.

As ruínas, os edifícios abandonados e o subterrâneo conectam o sujeito com o lado oculto da cidade, portanto, para que o explorador consiga descobrir um mundo secreto, torna-se necessário a ele o espírito de aventura, como aparece na figura 2 – o registro fotográfico feito pelo explorador urbano Steve Duncan em sua expedição pelas catacumbas de Paris revela grafites e marcas deixadas por pessoas que visitaram essas antigas construções. Nesse sentido, Garrett (2013, p. 130, tradução nossa) considera que,

para os exploradores urbanos contemporâneos em ambas as cidades, o período em que Nadar estava fazendo um trabalho fotográfico no subterrâneo em Paris foi crucial. Durante esse tempo, ambas as redes de drenagem foram construídas para a configuração grosseira em que permanecem, o trabalho dos urbanistas e engenheiros Joseph Bazalgette e Barão Haussmann<sup>7</sup>.

**Figura 2** – Sala Egípcia. Fotografia de Steve Duncan (Catacumbas, Paris, 2007)



Fonte: Disponível em: <<http://matadornetwork.com/trips/photo-essay-exploring-sewers-utility-tunnels-and-catacombs-around-the-world/>>. Acesso em: 13 maio 2015

Walter Benjamin (2007), no projeto de *Passagens*, na seção organizada como “Paris antiga, catacumbas, demolições, declínio de Paris”, apresenta descrições sobre o antigo fascínio que já existia pelo sistema subterrâneo da cidade de Paris, tornando-a uma atração turística mundial. A cidade parisiense foi habitada desde o Império Romano, constituindo uma região marcada por batalhas, guerras e pela peste. Com a superpopulação dos cemitérios no século XVIII, os restos mortais foram transferidos para o subterrâneo; logo, ossos como crânios, tíbias e fêmures foram organizados nas paredes como esculturas, adornando assim as galerias subterrâneas e despertando o interesse dos viajantes. No entanto a maior parte do complexo de túneis subterrâneos não está coberta de ossos. Somente em 1785 se iniciou a organização do ossuário, pois as catacumbas estavam apenas em alguns setores do complexo subterrâneo. Um dos fatores que originaram o sistema subterrâneo de Paris ocorreu com a exploração de pedreiras e a escavação de minas de calcário, que surgiram ainda na época da ocupação romana. Assim, o sistema de túneis ficou conhecido como “as

<sup>7</sup> “For contemporary urban explorers in both cities, the period when Nadar was doing photographic work in subterranean Paris was a crucial one. During that time, both of the drain networks were built to the rough configuration in which they remain, the work of urban planners and engineers Joseph Bazalgette and Baron Haussmann” (GARRETT, 2013, p. 130).

pedreiras de Paris” (*les carrières de Paris*). Como descrito por Benjamin, a cidade parisiense fascina os viajantes desde a Idade Média, de modo que a antiguidade e a modernidade aparecem juntas em Paris, onde as transformações urbanas são observadas tanto na superfície da cidade quanto nas profundezas do subterrâneo:

Paris situa-se sobre um sistema de cavernas de onde ressoam ruídos do metrô e de trens e no qual cada ônibus e cada caminhão desperta um eco que se prolonga. E este grande sistema técnico de ruas e canalização entrecruza-se com as abóbadas antigas, minas de calcário, grutas, catacumbas, que foram aumentando durante séculos, desde o início da Idade Média. Ainda hoje é possível adquirir uma entrada por dois francos para uma visita a esta Paris mais noturna, que é muito mais barata e menos perigosa que aquela da superfície. A Idade Média via isso de maneira diferente. Fontes históricas nos informam que, vez por outra, pessoas espertas dispunham-se, mediante régio pagamento e voto de silêncio, a mostrar a seus concidadãos o demônio lá embaixo, em sua majestade infernal (BENJAMIN, 2007, p. 124).

Paris ficou conhecida como a Cidade dos Esgotos no período de 1850 a 1860, por causa da construção de um sistema subterrâneo de esgotos e bueiros que se estendia ao redor de 560 km. Desse modo, os subterrâneos da cidade tornaram-se uma atração turística; as pessoas passeavam de barco, à luz de tochas, pelo sistema de galerias de esgoto. Além disso, as catacumbas, formadas por ossos de milhões de pessoas, tornaram-se também mais uma atração. Rosand Williams (2008), em *Notes on the underground*, descreve o processo de regularização do sistema subterrâneo de Paris empreendido por Hausmann. Sobre a atração turística, diz:

O sistema parisiense de galerias subterrâneas, que não tinha igual no mundo, rapidamente se tornou uma atração turística. Durante a exposição internacional de 1867, ambos, a realeza e os turistas comuns, visitavam e inspecionavam os esgotos de Paris. Baedeker o recomenda, e instalações especiais tiveram de ser construídas para lidar com os turistas (WILLIAMS, 2008, p. 72, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Outro detalhe importante relativo ao sistema subterrâneo de Paris é que ele também foi usado por membros da Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial como refúgio. Além disso, os nazistas construíram *bunkers* e caminhavam por várias partes do complexo subterrâneo da cidade. Por outro lado, na segunda metade do século XX começaram a surgir festas clandestinas, visitas de artistas, exploradores e curiosos, além de o lugar tornar-se um ambiente propício ao convívio de usuários de drogas. Os caminhos no sistema de esgoto são numerados por um mapa e possuem placas com nomes de personalidades da época, como Bruneseau, que, sob o comando de Napoleão, realizou um estudo profundo sobre a rede de esgoto de Paris. Por sua vez, Bruneseau foi amigo de Victor Hugo, que contribuiu com informações para a rica descrição de Paris na obra *Os miseráveis*. Victor Hugo descreve a cidade parisiense por meio de uma percepção profunda e rica em detalhes, observando-a em sua total plenitude; trata tanto de sua grandeza quanto do interior de suas entranhas, já que sua observação contempla também os esgotos, o que faz o escritor nomear essa parte da cidade como o *intestino de Leviatã*. Na visão de Rosand Williams (2008, p. 159, tradução nossa),

<sup>8</sup> “The Parisian system of underground galleries, which had no equal anywhere in the world, quickly became a tourist attraction. During the international exposition of 1867 both visiting royalty and common tourists inspected les égouts de Paris. Baedeker recommended them, and special facilities had to be set up to handle the sightseers” (WILLIAMS, 2008, p. 72).

o clímax da “cena de perseguição” de *Os miseráveis*, em que Jean Valjean carrega Marius ferido através dos esgotos, após a queda da barricada, é merecidamente um momento famoso da literatura. Uma perseguição emocionante em seus próprios termos, que também reverbera associações bíblicas e clássicas: a descida de Jean Valjean ao Inferno, sua necessidade de tomar a cruz, seu aprisionamento na lama, de vislumbrar a luz, seu desespero quando vê sua saída bloqueada, sua redenção final e ascensão negra à terra dos vivos. O sistema de esgoto de Paris torna-se a definição de uma intemporal viagem de iniciação e expiação<sup>9</sup>.

As profundezas da cidade parisiense, na literatura de Victor Hugo, vêm à superfície como forma de representar a carga simbólica e a estética literária do subterrâneo, com a intenção de transfigurar os intestinos de Paris, o lado obscuro e sombrio, como se fosse a “consciência da cidade”. E aquilo que está recalcado, esquecido, a parte escura e doentia, deve retornar com a potência da criação do poeta, como forma de transfigurar o mundo caótico, entre a escuridão e a luz, ao passo que procura as ambiguidades da cidade para ir contra a ordem imposta pela lógica racional, que transforma o cenário urbano em paisagens organizadas e regulamentadas, destituídas de lugares esquecidos, arruinados e sujos.

Nesse sentido, é possível constatar que a fotografia de Nadar e os ensaios de John Hollingshead, jornalista que percorreu os esgotos de Londres, representam esteticamente o processo de modernização das metrópoles parisiense e londrina, transformações que ocorreram com os respectivos prefeitos Barão de Haussmann e Joseph Bazalgette. John Hollingshead (1827-1904) publicou, em 1861, um livro composto por dez cartas enviadas ao *The Morning Post*, intitulado *Ragged Londres*, que narra a transformação da cidade e sua relação com o homem, ao retratar a miséria da vida humana na metrópole analisada pela perspectiva da urbanização de Londres. Já *Metrô de Londres*, de 1862, revela uma série de ensaios que conectam a obsessão do jornalista pelos esgotos. As expedições de Hollingshead pelos esgotos londrinos da época vitoriana refletem a prática do *urban exploration*, especificamente a prática de *drain*. Adentrar esses lugares escuros e escorregadios exige preparo e conhecimento por parte do explorador, pois os mapas da rede de conexões subterrâneas são mais fáceis de serem observados na superfície. É, portanto, mais complexo orientar-se por esses mapas no subterrâneo.

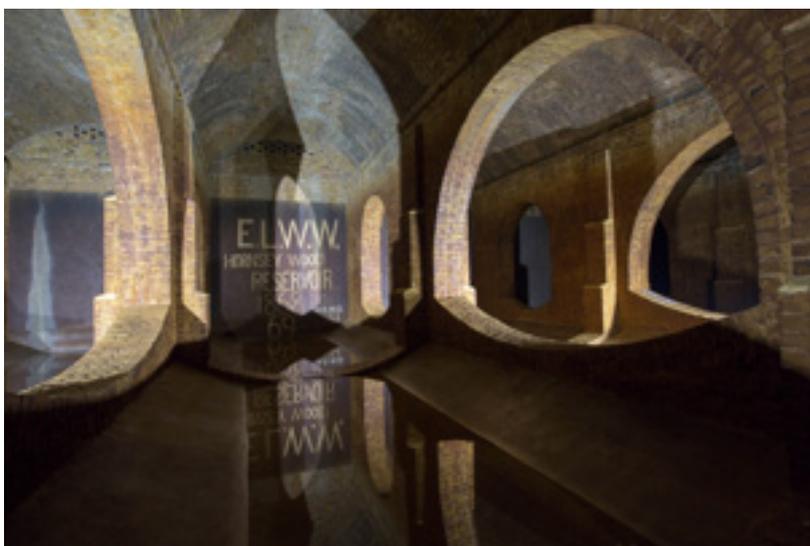
Com base nas considerações apresentadas sobre as catacumbas e os esgotos de Paris, evidencia-se a importância de fazer uma breve descrição sobre o sistema subterrâneo de Londres. Garrett, em *Subterranean London*, reúne uma coleção de imagens sobre o subterrâneo de uma das maiores metrópoles do mundo que nos leva a imaginar a cidade construída em camadas. Ele percorre as entranhas mais secretas da cidade. As imagens revelam como funciona esse espaço e o que existe sob as ruas de Londres. Somam-se a isso imagens de estações esquecidas, abrigos de evacuação da Segunda Guerra Mundial, espaços secretos do governo, redes e túneis de transporte. Garrett aprofunda a história da arquitetura de Londres para alcançar suas conexões mais significativas com a infraestrutura da cidade. Por sua vez, seu catálogo apresenta uma visualização detalhada sobre o subterrâneo por meio de fotografias, informações e desenhos ilustrados pelo artista Stephen Walter. Nele, os mapas e a organização dessa trama subterrânea apresentam-se como o inconsciente

<sup>9</sup> “The climatic ‘chase scene’ of *Les Misérables*, in which Jean Valjean carries the wounded Marius through the sewers after the fall of the barricade, is deservedly a famous moment in literature. An exciting chase in its own terms, it also reverberates with associations both Biblical and classical: Jean Valjean’s descent into the Hell, his need to bear his own cross, his entrapment in the mire, his glimpsing the light, his despair when he sees his exit blocked, his final redemption and ascent black to the land of the living. The sewer system of Paris becomes the setting of a timeless of journey of initiation and expiation” (WILLIAMS, 2008, p. 159).

da cidade. Por isso, o *urban explorer* retrata os espaços da cidade onde ninguém se atreve a ir e onde, com certeza, poucos teriam sucesso. Por conseguinte, revela o lado oculto e recalçado de Londres.

Nesse sentido, o subterrâneo contempla toda a parte oculta dos habitantes, porém é o lugar da cidade que conecta a energia e a informação. Além disso, a invisibilidade do esgoto contribui para a esfera imaginativa acerca do subterrâneo da cidade. Conforme descreve Garrett (2014, p. 39, tradução nossa), os subterrâneos, “apesar de suas características, variam muito em forma e função. Esses túneis existem para preservar e proteger a água, o gás, a energia, as telecomunicações e a banda larga vital para a eficácia da metrópole contemporânea”<sup>10</sup>. Isso pode ser constatado na figura 3, que ilustra como Garret explora o enorme sistema de reservatório desativado do subterrâneo de Londres, construído abaixo do parque *Finsbury* em 1860, com tijolos e características do estilo clássico vitoriano. Em suas expedições, ele procura ter a experiência de reviver o espírito de Bazalgette: “As nossas ambições eram simples. Queríamos ver as águas escondidas, para tocar os tijolos de Bazalgette, para entender como o sistema funcionava, para contestar, verificar ou exaltar a mitologia do metrô de Londres” (GARRETT, 2014, p. 15, tradução nossa)<sup>11</sup>.

**Figura 3** – Parque Reservatório Finsbury. Fotografia de Bradley L. Garrett (Londres, Reino Unido, 2014)



Fonte: Disponível em: <[www.bradleygarrett.com](http://www.bradleygarrett.com)>. Acesso em: 10 maio 2015

Dessa forma, considerando os sistemas subterrâneos das cidades de Paris e Londres, faz-se necessário apresentar também a pesquisa de Julia Solis (2005) sobre os subterrâneos de Nova York. Em seu livro *New York underground - the anatomy of a city*, publicado originalmente na Alemanha por Christoph Links Verlag, em 2002, ela constrói uma história informal do sistema subterrâneo de Nova York composta por fotografias e crônicas de suas próprias expedições. Sua ampla pesquisa sobre os labirintos subterrâneos da cidade relata desde lendas urbanas, como a existência de jacarés gigantes vivendo no esgoto e

<sup>10</sup> “Though their features vary vastly in form and function, these tunnels exist to preserve and protect the water, gas, power, telecommunications and broadband vital to contemporary metropolitan efficacy” (GARRETT, 2014, p. 39).

<sup>11</sup> “Our ambitions were simple. We wanted to see the hidden waters, to touch Bazalgette’s bricks, to understand how the system worked, to disprove, verify or exacerbate the mythology of underground London” (GARRETT, 2014, p. 15).

a construção subterrânea de estruturas famosas, como a Grand Central Station e o Old Croton Aqueduct, até os túneis onde convivem gangues no subsolo das ruas de Chinatown. Solis retrata o submundo de Nova York por intermédio das estações de trem abandonadas e do grafite nos subterrâneos, revelando-nos uma cidade desconhecida, oculta, repleta de histórias e lendas. Fazem parte desse cenário esgotos, aquedutos, túneis ferroviários e até mesmo adegas secretas construídas durante a Lei Seca, nos Estados Unidos. A fascinante arquitetura do subterrâneo desvendada pela investigação anatômica de Solis mostra as ruínas da infraestrutura da cidade por meio do conteúdo histórico e imaginário, como pode ser encontrado no capítulo dedicado às histórias do Atlantic Avenue, um túnel subterrâneo abandonado, descrito por Walt Whitman em suas composições literárias sobre a cidade de Nova York no século XIX: “O velho túnel, que costumava ficar ali sob a terra, a passagem do Acheron-like, solene e escuro, agora está fechado e cheio, e logo será totalmente esquecido, com todas as suas reminiscências” (WHITMAN, 1989, p. 161, tradução nossa)<sup>12</sup>. Nesse sentido, o trabalho de escavar aquilo que está soterrado e esquecido permite compreender uma abertura à interpretação e à continuidade histórica do tempo. Além disso, possibilita desvendar as fissuras existentes nessas camadas ao revelar as imagens ocultas do passado no instante presente. Benjamin (1993, p. 239), em uma célebre passagem de “Imagens do pensamento”, no fragmento “Escavando e recordando”, mostra

que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.

O Atlantic Avenue Tunnel 9 (figura 4) é o túnel de metrô mais antigo do mundo, construído em 1844 com ferramentas manuais e equipamentos primitivos no subsolo no bairro do Brooklyn. Foi feito para amenizar o tráfego na superfície da avenida, para separar os trens de Long Island Rail Road que passavam ali, pois não tinham freios para operar nas ruas. O túnel da Atlantic Avenue foi redescoberto em 1980 por Bod Diamond, um *urban explorer* que pesquisava sobre a história do lugar. Ele passou por lugares apertados até que notou uma fenda entre as paredes de tijolos arqueados, assim que a atravessou, deparando com uma porta de concreto. E, com a ajuda dos trabalhadores da companhia de gás, conseguiu redescobrir o túnel perdido, que tinha sido fechado e esquecido desde 1861. A Associação Ferroviária Histórica do Brooklyn (em inglês, Brooklyn Historic Railway Association's - BHRA), formada em 1982, preserva a história do túnel, que em 1989 foi oficialmente registrado como marco histórico e protegido pelo Registro Nacional de Lugares Históricos (em inglês, National Register of Historic Places - NRHP). Desse modo, pode-se refletir sobre o papel do explorador urbano como uma espécie de arqueólogo, assim como Flávio de Carvalho (2005, p. 47) aborda as ruínas em *Os ossos do mundo*:

O arqueólogo tem de penetrar nas sucessivas fases que plasmaram o resíduo, tem de ser intensamente humano e sentir o palpitar da alma do homem e da civilização que confeccionou o resíduo; além de humano, e de sentir todas as emoções do artista e da civilização que construiu e fez, ele tem também de ser psicólogo, isto é, compreender os motivos dessa construção e dessas formas.

<sup>12</sup> “The old tunnel, that used to lie there under ground, a passage of Acheron-like solemnity and darkness, now all closed and filled up, and soon to be utterly forgotten, with all its reminiscences” (WHITMAN, 1989, p. 161).

As expedições do *urban exploration* surgem como uma espécie de arqueologia urbana – aproximam a estética dos lugares abandonados e esquecidos da cidade ao pensamento historiográfico de Benjamin. Para Seligmann-Silva, a historiografia em Benjamin torna-se idêntica ao aparelho psíquico, no momento em que o passado é apreendido por um determinado agora: “a historiografia ganha o caráter de um *aparelho* muito semelhante ao nosso *aparelho psíquico*: o *passado* é lido como uma escritura que só se deixa perceber em um determinado *agora*” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 398, grifos do autor). Freud, em um de seus últimos ensaios, *Construções em análise*, faz uma relação entre o procedimento do arqueólogo e o método psicanalítico:

Os dois processos são de fato idênticos, exceto pelo fato de que o analista trabalha em melhores condições e tem mais material à sua disposição para ajudá-lo, já que aquilo com que está tratando não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo – e talvez por outra razão também. Mas assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permaneceram de pé, determina o número e a posição das colunas pelas depressões no chão e reconstrói as decorações e as pinturas murais a partir dos restos encontrados nos escombros, assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise (FREUD, 2006, p. 277).

Sob essa ótica, o túnel era fonte de inspiração para lendas urbanas, e Bob Diamond investigou todas as fontes para desvendá-lo, até encontrar, na New York Public Library, um mapa de 1850 que mostrava a existência do túnel. Um bibliotecário que trabalhava no lugar aconselhou-o a procurar o assunto no *Brooklyn Daily Eagle*, onde Diamond encontrou um artigo que falava sobre o túnel mais antigo do mundo. O jornalista que o escreveu procurava documentos sobre fraudes no lixo do presidente e encontrou projetos para a construção do túnel da Atlantic Avenue. Diamond foi atrás dos documentos e conseguiu uma cópia nos arquivos do Brooklyn Borough. Depois, munido dessas evidências, seguiu para a companhia de água da cidade, que, em vez de ajudá-lo, tornou mais fantasiosa ainda a lenda em torno do túnel, acrescentando histórias de jacarés, gases venenosos, entre outros. Mas com a ajuda dos trabalhadores da companhia de gás foi levado até o bueiro, que era a única entrada para o túnel. Assim é a escuridão descrita por Walt Whitman (1989, p. 162, tradução nossa): “O túnel: escuro como um túmulo, frio e úmido, e em silêncio. Como é belo olhar o céu e a terra novamente, quando saímos da escuridão!”<sup>13</sup>.

Diamond conseguiu, com a descoberta do túnel, uma autorização para explorá-lo, e muitos moradores de Nova York desceram em excursões para conhecer o túnel entre 1982 e 2010, quando, então, recebeu uma carta do Departamento de Transportes (DOT) alegando que sua permissão havia sido revogada. Nessa carta constava uma nota do Corpo de Bombeiros da cidade de Nova York (em inglês, Fire Department City of New York – FDNY), pedindo que se interrompessem imediatamente as atividades no túnel, por conta dos perigos de segurança, pois o único acesso ao túnel é um bueiro localizado no meio de uma avenida. Diamond entrou com uma ação judicial com seu advogado em 2011 contra o DOT e o FDNY para recuperar os passeios. Contudo Diamond teve problemas judiciais com órgãos do governo que o proibiram de continuar suas excursões. Uma parte do metrô continua inexplorada, esperando por alguém que desvende as próximas histórias. Ainda há um mistério em torno de uma locomotiva abandonada, a qual pode estar em um espaço selado que não foi explorado por Diamond.

<sup>13</sup> “The tunnel: dark as the grave, cold, damp, and silent. How beautiful look earth and heaven again, as we emerge from the gloom!” (WHITMAN, 1989, p. 162).

Em novembro de 2002 ocorreu a exposição de arte *Ars Subterranea*<sup>14</sup>, promovida por uma associação fundada pela exploradora urbana Julia Solis e formada por artistas, arquitetos, historiadores, com o intuito de preservar as relíquias de Nova York com eventos de arte. Em última análise, as fotografias antigas das catacumbas de Félix Nadar, a meu ver, apresentam a estética da ruína vista nas fotografias registradas pelas expedições do *urban exploration*, como se pode observar na figura 4. Além de ressignificar as expedições fotográficas de Nadar, os exploradores urbanos – especificamente os *cataphiles*, que descem às cavidades mais sombrias – são fascinados por lugares esquecidos, cidades fantasmas, túneis fechados.

**Figura 4** – *Atlantic Avenue*. Fotografia de Julia Solis (Brooklyn, Nova York, 2002)



Fonte: Disponível em: <[www.solis.darkpassage.com/below/newyork/index.html](http://www.solis.darkpassage.com/below/newyork/index.html)>. Acesso em: 10 maio 2015

Existe uma diversidade de espaços no subterrâneo das cidades, como catacumbas, túneis de metrô, esgotos, drenos, entre outras passagens, como vimos nas cidades de Paris, Londres e Nova York. Em virtude dos fatos mencionados sobre o subterrâneo, referentes a cada uma das metrópoles analisadas, percebe-se que ele desperta, nas artes em geral, tanto na poética visual quanto na literatura, imagens e descrições que ilustram a estética do abandono representada pelos exploradores urbanos. Nessa configuração, que analisa os aspectos históricos e sociais do subterrâneo, revelados pela produção estética e literária, observa-se que o solo abaixo da cidade conserva mistérios que instigam o poder da imaginação poética, literária e visual. O subterrâneo mostra labirintos sombrios, inabitados e esquecidos, que revelam histórias, lendas e um imaginário urbano por meio das cavidades internas que pertencem à infraestrutura da cidade. Em suma, analisado pela ótica estética e literária, o subterrâneo representado pelas expedições dos exploradores urbanos reflete a infraestrutura interna como um espaço mítico e inconsciente da cidade.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Passagens**. Organizado por Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

<sup>14</sup> Disponível em: <[www.arssubterranea.org](http://www.arssubterranea.org)>. Acesso em: 10 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Imagens do pensamento. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 3. ed. v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas).

CARVALHO, F. de R. As ruínas do mundo. In: \_\_\_\_\_. **Os ossos do mundo**. São Paulo: Antiqua, 2005.

FREUD, S. Construções em análise. In: EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de James Strachey. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARRETT, B. L. **Explore everything**: place-hacking the city. Londres: Verso, 2013.

\_\_\_\_\_. **Subterranean London**: cracking the capital. Munique; Londres; Nova York: Prestel, 2014.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SOLIS, J. **New York underground**: the anatomy of a city. Nova York: Routledge, 2005.

WHITMAN, W. **Walt Whitman's New York**: from Manhattan to Montauk. Edited by Henry Christman, 1963. New Amsterdam Books, 1989.

WILLIAMS, R. **Notes on the underground**: an essay on technology, society, and the imagination. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

Sites:

<<http://caveclan.org/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

<<http://matadornetwork.com/trips/photo-essay-exploring-sewers-utility-tunnels-and-catacombs-around-the-world/>>. Acesso em: 13 maio 2015.

<[www.arssubterranea.org](http://www.arssubterranea.org)>. Acesso em: 10 maio 2015.

<[www.bradleygarrett.com](http://www.bradleygarrett.com)>. Acesso em: 10 maio 2015.

<[www.moma.org/collection/object.php?object\\_id=46061](http://www.moma.org/collection/object.php?object_id=46061)>. Acesso em: 22 jun. 2015.

<[www.solis.darkpassage.com/below/newyork/index.html](http://www.solis.darkpassage.com/below/newyork/index.html)>. Acesso em: 10 maio 2015.

**A construção do patrimônio  
cultural na realidade das  
interações via internet com base  
no paradigma intersubjetivo de  
Habermas<sup>1</sup>**

**The construction of cultural  
heritage in the reality of  
interactions on the internet  
based on Habermas'  
intersubjective paradigm**

**La construcción del patrimonio  
cultural en la realidad de las  
interacciones de internet basado  
en el paradigma intersubjetivo  
de Habermas**

---

<sup>1</sup> Este artigo é relacionado à dissertação de mestrado “Comunicação interativa via internet com base na teoria do agir comunicativo de Habermas”, desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e defendida em 2011.

---

**Volmir Fontana<sup>2</sup>**  
**Euler Renato Westphal<sup>3</sup>**  
**Mariluci Neis Carelli<sup>4</sup>**

---

Recebido em: 30/6/2016  
Aceito para publicação em: 5/10/2016

**Resumo:** As relações sociais no mundo atual são definidas não somente pelo aprisionamento delas na objetividade do mundo, como também pelas interações, que recebem configuração de transmissão de informação ao acontecerem via internet. Essa dimensão da comunicação não caracteriza a interação necessária à formação da coletividade determinante para a construção do patrimônio cultural. Desse modo, objetivou-se estudar como o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural. Este é resultado da construção coletiva e tem sua expressão nas relações pensadas pelo autor, pois é formado pelas relações de alteridade entre sujeitos livres e que reconhecem a cultura e o contexto em que estão e a que pertencem suas experiências do cotidiano.

**Palavras-chave:** subjetividade e linguagem; mundo simbólico; interações via internet; patrimônio cultural.

**Abstract:** Social relations in the world nowadays are defined not only by trapping them in the objectivity of the world, but also by the interactions, that receive a configuration of transmission of information as they happen via the internet. This aspect of communication does not characterize the required interaction to build the collective key to build cultural heritage. So, this paper aimed to study how the intersubjective paradigm of Habermas contribute to the construction of cultural heritage. The cultural heritage is the result of collective construction and has its expression in relations thought by the author, because it is formed by the alterity relations between free subjects and who recognize the culture and the context in which they are and to which belong their daily experiences.

**Keywords:** subjectivity and language; symbolic world; interactions via internet; cultural heritage.

---

<sup>2</sup> Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille, instituição em que atua como professor de disciplinas da área de humanidades nos cursos de graduação. Também é docente concursado de Filosofia do estado de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (RS). Professor de Ética, Cultura e Sociedade e Pensamento Contemporâneo no Mestrado da Univille e professor orientador do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Possui publicações na área de teologia, filosofia, ética e bioética. Atua como professor de Teologia Sistemática na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul (SC).

<sup>4</sup> Doutora em Engenharia da Produção e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Univille nos cursos de graduação e no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Coordenadora do grupo de pesquisa em cultura e sustentabilidade.

**Resumen:** Las relaciones sociales en el mundo de hoy se definen no sólo por su encarcelamiento en la objetividad del mundo, sino también por las interacciones, que reciben configuración de transmisión de información a pasar a través de internet. Ese aspecto de la comunicación no caracteriza la interacción necesaria para la construcción de la comunidad clave para la construcción del patrimonio cultural. Así que el objetivo era estudiar cómo el paradigma intersubjetivo de Habermas contribuye a la construcción del patrimonio cultural. El patrimonio cultural es el resultado de una construcción colectiva y tiene su expresión en las relaciones diseñados por el autor, ya que está formado por las relaciones de alteridad entre sujetos libres y que reconocen la cultura y el contexto que se encuentran y que pertenecen a sus experiencias cotidianas.

**Palabras clave:** la subjetividad y el lenguaje; mundo simbólico; interacciones a través de Internet; patrimonio cultural.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar como o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural na realidade das relações via internet – intenção advinda da participação dos autores em estudos relacionados ao patrimônio cultural. Observou-se a pertinência da liberdade e da alteridade para a construção de relações consistentes perante as relações mediadas pela internet e permeadas pelo interesse do mercado.

A internet propicia abertura para as interações sociais, entretanto a transmissão de informações e o distanciamento entre os usuários e deles com a realidade dificultam as interações significativas para a construção de bens culturais.

Com base na problemática das interações na realidade atual, atingiu-se o seguinte questionamento: por que o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural numa realidade de interações via internet?

A princípio, buscaram-se argumentos na interpretação da noção de intersubjetividade de Habermas (1996; 2002), a qual tem no sujeito livre o alicerce para a comunicação interativa. O autor concebe tais relações inseridas no contexto cultural dos participantes da comunicação, que por sua vez ganham consistência ao ultrapassar a dimensão da transmissão de informação vinculada ao interesse próprio, o qual é observado nas relações determinadas por quem tem mais poder coercitivo.

Trata-se, então, das relações que partem do contexto dos participantes das interações comunicativas. Estas, entretanto, são interações que, como diz Habermas (2002), emergem das vivências e das emoções de cada um desses sujeitos, bem como proporcionam o respeito pelo outro e, conseqüentemente, as relações compartilhadas entre os participantes da comunicação.

São interações com características também presentes na teoria de Lévinas (1993) ao tratar da alteridade: o afeto com o outro e com o mundo acontece na integração do indivíduo com a totalidade<sup>5</sup>, interação em que o sujeito se principia na construção da coletividade. Assim, o sujeito tem a capacidade de entendimento com base na cultura já construída e é respeitado em suas diferenças.

Nesse sentido, as interações expressam a passagem do paradigma da consciência do pensamento moderno marcado pelo sujeito solipsista para o paradigma intersubjetivo, construção que requer dos participantes não somente a tradição cultural, como também a experiência, a liberdade e a criatividade de cada um deles.

<sup>5</sup> Lévinas (1993) apresenta a relação como aquilo que inclui a presença na totalidade da relação, ou seja, é a relação face a face, que acontece em local em que outros seres influem direta ou indiretamente.

Não diz respeito, por exemplo, apenas às relações que conduzem à construção da memória marcada por registros de interesse de somente uma das partes da relação; ambos os lados têm o poder de compartilhar e, em razão disso, conseguem acessar o significado coletivo. Por isso, um reconhecido estudioso da atualidade, Ulpiano Bezerra de Meneses (2007), ao pesquisar entre outros temas a questão do patrimônio material e imaterial, reconhece que a memória caracterizada pela imaginação nas experiências que cada indivíduo adquiriu resultará na produção de significados.

Logo, além da presença do outro, o indivíduo ganha a possibilidade de ser instigado pelo mundo que o circunda e é elevado na consideração de sua capacidade representativa, memorativa e imaginativa ao recordar e significar por meio do que se apresenta na concretude do mundo e das representações que o constituem.

Assim, ao serem identificadas, as interações via internet são da dimensão de transmissão de informação (LÉVY, 1993). Pela crítica com base nas relações intersubjetivas de Habermas fundamentadas na liberdade e na alteridade, os sujeitos conseguiriam extrapolar a dimensão da transmissão. Tais sujeitos, em alguns aspectos, segundo Meneses (2007), se assemelham ao indivíduo produtor de significados, que por sua vez usa a memória associada a suas experiências e imaginação. Desse modo, o indivíduo não seria mero reprodutor de informações, porém indivíduo-sujeito que, mediante a sua criatividade, instigada pela imaginação, se protege da institucionalização e do poder e interpreta e transforma as informações por intermédio de suas vivências e emoções.

Por fim, a concepção de interação aqui estudada encontra meios de defender-se das interpretações submetidas à dominação, como é o caso daquelas intermediadas pelas tecnologias ou pelos monitores, ao abordar o significado atribuído a um bem enquanto patrimônio material ou imaterial (CHOAY, 2006).

## AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS DE ALTERIDADE COM BASE EM HABERMAS

A abordagem discursiva e intersubjetivista de Habermas (1990; 1996; 2002) considera o sujeito, o entendimento mútuo e a alteridade. Essas relações, além de viabilizarem uma crítica às interações via internet com interesse nas finalidades mercadológicas, são fundamentais para a construção das relações sociais.

A defesa das relações intersubjetivas de respeito ao diferente e o combate à reprodução e imposição do sistema também estão presentes em Sidekum (2006, p. 104): “A alteridade é uma arma de resistência contra a ‘mesmice sistêmica’”. O autor vê a alteridade como espaço para o diferente. E de onde irromperia a novidade para a construção cultural senão de uma relação entre os diferentes? Nesse sentido, Sidekum (2006, p. 111) ajuda-nos a entender a alteridade, constituidora das relações intersubjetivas e necessária à construção cultural, ao afirmar: “Quando fazemos referência à cultura, queremos pensar em termos de adaptação e de aprendizagem e, portanto, pensar dinamicamente nas possibilidades humanas”.

Trata-se de uma concepção de alteridade construída por sujeitos. Os participantes de uma relação não apenas reproduzem, mas manifestam suas diferentes interpretações sobre questões variadas. Essas interpretações emergem, segundo Habermas (1996), dos desejos, dos sentimentos e das intenções do sujeito. Entretanto, para a constituição da identidade na concepção intersubjetivista em Habermas (1990; 1996; 2002), além da construção do sujeito que deve buscar a relação com o outro, verifica-se a importância da experiência e da racionalidade nos *atos de fala livres*<sup>6</sup>. Nesse sentido, a subjetividade separada do mundo natural e social não consegue situar-se na coletividade nem despertar confiança. Devem

<sup>6</sup> Referem-se à expressão em relação ao mundo objetivo, social e subjetivo com a livre manifestação dos interlocutores.

acontecer os momentos de esclarecimento e de divergência, assim como aqueles que partem da coletividade e da individualidade.

Em tal perspectiva, a ação comunicativa de Habermas (1990; 1996; 2002) dá consistência às relações intersubjetivas, pois a relação se inicia pela comunicação. Esta, realizada por sujeitos, considera o ser humano não apenas como objeto externo. Por isso, é um tipo de comunicação no qual Habermas (2002) defende a ideia de que cada um dos participantes tem a possibilidade de captar melhor as especificidades das interações humanas ao considerar suas vivências e emoções e não apenas a transmissão de informações, com interesse imposto por uma das partes da comunicação.

Assim, concebe-se o uso da linguagem que leva em conta as diferentes experiências dos indivíduos, os quais têm condições de dissenso para chegar à construção do entendimento e da coletividade. Desse modo, nas relações sociais com essas características acontecem os compromissos, os acertos e as dúvidas em decorrência das atividades humanas no mundo. A relação é interação que se baseia na comunicação estruturada, no pensar e no agir, porque é cultural.

Já na comunicação mediada pela internet há a possibilidade da interação, no entanto é a razão movida pela economia que estreita o papel desse tipo de comunicação. O poder do mercado impõe relações de transmissão de informações. Assim, a comunicação presente nas relações via internet forçada pelo mercado impede o compartilhamento e o entendimento linguístico entre os sujeitos, diferentemente daquela que, segundo Habermas (2002, p. 71), promove o uso da linguagem “como fonte de integração social”. Por conseguinte, esse tipo de comunicação defendido pelo autor contribui para o consenso necessário à construção da linguagem como patrimônio universal da humanidade, do qual ninguém é dono; logo, é um bem público.

Então, a linguagem carrega a normatividade e os valores construídos pelo processo dialético entre cultura e alteridade. Por isso, a validade das proposições dos atores na comunicação tem referência no mundo simbólico da linguagem, e nela mesma se encontram respeito e cooperação às individualidades. Dessa forma, possibilita-se a abertura da construção cultural no sentido defendido por Sidekum (2006, p. 114): “Pelo reconhecimento da alteridade do outro se desenvolvem sempre relações mais novas, relações sociais na construção e no aperfeiçoamento de elementos culturais”. Abre-se espaço para o diferente nas relações sociais, as quais contribuem para o processo de humanização diante da contracultura, armada pela força dos meios de comunicação, com seus usos orientados pelo mercado.

Essas manifestações têm a possibilidade de ser entendidas nas relações comunicacionais ao considerar-se que, para Habermas (1990; 1996; 2002), os participantes da comunicação dialogam e se entendem por intermédio do *mundo da vida*<sup>7</sup>. Na interpretação de Boufleuer (2001, p. 15), o entendimento acontece com base numa razão que reproduz a sociedade não exclusivamente mediante o mundo dos sistemas, mas por meio “da reprodução simbólica do mundo da vida”. Já a razão instrumental “tem seu legítimo campo de atuação nos processos de controle e de manipulação que servem à reprodução do substrato material do mundo da vida” (BOUFLEUER, 2001, p. 15). Observa-se que a razão comunicativa não ocorre fora da funcionalidade sistêmica nem da materialidade, contudo não resultaria na integração social se não levasse em conta a estrutura simbólica do mundo da vida. Neste, não somente as experiências de cada indivíduo constituem a convivência, como também uma força coletiva prévia da cultura e a força coletiva proveniente das relações espontâneas e de maior proximidade, construídas no mundo da vida dos atores sociais.

<sup>7</sup> Na concepção de Habermas (1996), o mundo da vida é constituído pelas representações e experiências dos atores sociais inseridos num mesmo contexto cultural.

Por consequência, na interpretação de Gallina<sup>8</sup> (2006), as relações intersubjetivas defendidas por Habermas (1990; 1996; 2002) resultam da ação comunicativa. Assim, uma ação comunicativa “permite a constituição, revisão e manutenção dos processos de interação social, os quais se dão mediante o estabelecimento e a crítica dos valores, das normas e das sanções que orientam no convívio social” (GALLINA, 2006).

Trata-se de interações sociais que consideram o indivíduo e seus mundos subjetivos e objetivos, dos quais a memória histórica necessita para ser construída. A construção dessa memória envolve a relação de alteridade, bem como o respeito à liberdade e às experiências do passado e do convívio do presente dos participantes da relação.

Por isso, a imaginação tem seu espaço nas relações intersubjetivas, nas quais é identificada como aquela que tem relação com a memória e é determinante na criação de significados. Meneses (2007) salienta que a memória também cria significados, pois a imaginação está em relação direta com as experiências que o homem acumula. A visão da imaginação não pode existir separada da memória. Esta tem uma história, a qual se constitui na coletividade. A memória forma-se na coletividade (recordação da convivência do passado histórico) para a coletividade (convivência no presente da realidade social). Segundo Meneses (2007), se a memória é histórica, ela não é abstrata, e a significação por ela atribuída refere-se tanto às experiências do passado quanto às do presente. Consequentemente, a memória não pode ser concebida como “um dado que tivesse significação em si” (MENESES, 2007, p. 18).

Se a memória é histórica e, portanto, está em contínua transformação, tem relação com a imaginação. No entendimento de Meneses (2007, p. 17), na memória, como experiência acumulada, a imaginação “se apóia e dispõe seus dados em novas e novas combinações”. A imaginação, dessa maneira tratada, pode ser associada ao mundo subjetivo da ação comunicativa de Habermas (1990; 1996; 2002), pois cada sujeito tem a possibilidade de expressar suas vivências, seus sentimentos, suas emoções, sua liberdade e sua criatividade.

Na interpretação de Boufleuer (2001, p. 37), a parte performativa da linguagem “estabelece um tipo de intersubjetividade que situa a expressão linguística num determinado contexto ou situação social e que expressa o uso comunicativo da linguagem”. Os atores comunicam-se na condição de seres históricos e culturais. Eles, portanto, interagem com a mediação da linguagem usada para o compartilhamento entre sujeitos com suas diferentes experiências e intenções, que são resultado da memória enquanto construção individual e coletiva. De acordo com Meneses (2007, p. 16), o ser humano constrói-se por meio da capacidade da abstração, da articulação, da memória, da imaginação, bem como da linguagem, a qual permite “a socialização das experiências individuais”. Observa-se que, além do âmbito coletivo, Meneses (2007) sinaliza o âmbito individual no processo de construção do ser humano ao atribuir à memória a base para que a imaginação crie significados.

Por isso é oportuno dizer que a imaginação é impulsionada pelas necessidades individuais e coletivas da existência do presente e viabiliza o ser humano a alcançá-las. Nesse sentido, Lévinas (1993, p. 47) afirma: “Há uma nobreza muito grande na energia que se liberta da concreção do presente”. O autor segue com a ilustração: “Um homem, na prisão, continua a crer num futuro não revelado e convida a trabalhar no presente, para as mais distantes coisas, às quais o presente é irrecusável e desmentido” (LÉVINAS, 1993, p. 47).

Vale mencionar Eagleton (2010), quando o renomado estudioso da cultura confirma a relevância da imaginação na busca da expansão das experiências individuais para as coletivas. Essas experiências coletivas, para o autor, ocorreriam na passagem para o simbólico

<sup>8</sup> Doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), sua área de análise é a linguagem e a justificação, e ele atua na área de epistemologia.